



cadernos
JUNGUIANOS
nº6-2010

Artigos

Individação: o devir e a deriva do sujeito

O Mito de Perseu e da Medusa

O Amor entre Parceiros do mesmo Sexo e a Tragédia da Homofobia

Amor, Dor e Criatividade

Mar Morto: é doce morrer no mar

O Trecho do Mundo e a Individação do Andarilho

Complexo Materno e Criatividade em *Como Água para Chocolate*

Self Corporal: um caso de experiência intrauterina

Identidade na Adolescência: análise do livro *Clarissa*

Resenhas

A Partida

Direção:- Yojiro Takita

Roteiro:- Kunda Koyamo

Japão, 2008

* Denise Maia

Às margens de um rio, nos arredores de sua terra natal - a cidade de Yamagata - Daigo observa a persistência dos salmões em nadar contra a corrente até chegar ao encontro da morte. Um homem que passa, comenta a observação que Daigo faz, dizendo que talvez os peixes queiram ir para sua origem, onde tudo começou.

Os olhos, através de que os japoneses olham o mundo, localizam-se nas profundezas do inconsciente e não na consciência. Segundo Hayao Kawai, analista junguiano, uma das características da cultura nipônica é a ausência de uma distinção clara entre mundo interno e externo, entre inconsciente e consciente. Há uma idéia rica e criativa de vazio - o nada absoluto - condição do não-ego que significa completude. Enquanto no ocidente o espírito é uma função da psique, ligada ao racional - condição essencial para o conhecimento - no oriente o espírito é um princípio cósmico ligado à existência do ser em geral.

O filme “A partida” de Yojiro Takita, a partir de uma linguagem lírica recorre à tradicional cerimônia fúnebre japonesa para mostrar como se deve valorizar cada momento da vida pela superação das perdas afetivas.

O roteiro de Kunda Koyamo foi baseado no livro *The coffinman: Journal of a Buddhist* e traz como protagonista o jovem Daigo Kobayashi.

A história inicia-se em Tóquio onde o rapaz integra uma orquestra que acabara de ser dissolvida. Sem dinheiro, ele vende o seu violoncelo e decide retornar à sua cidade para morar na casa em que viveu com sua mãe já falecida e em cujo funeral não esteve presente.

Toshiki, pai de Daigo, o incentivou desde o jardim de infância a tocar violoncelo e a dar atenção às tradições japonesas. Seus sonhos foram sempre alimentados pela presença da música. Aos seis anos, ele e sua mãe foram abandonados pelo pai iniciando-se um momento difícil para ambos na luta para sobreviver.

Ao chegar em sua cidade ele começa a procurar um emprego e com surpresa descobre que o trabalho que realizará e pelo qual recebeu pagamento antecipado é de assistente de *Shoei*, preparador de cadáveres para o ritual “nokanshi” que antecede a cremação. Ele seria responsável por lavar - *Yukán* - vestir e embelezar os mortos.

Segundo os ritos budistas, o corpo é lavado com água quente, vestido com roupas brancas e deitado com a cabeça voltada para o norte e coberta com um tecido branco. Coloca-se uma placa com o nome e a foto do falecido. Ao lado, sobre uma pequena mesa, são colocadas algumas oferendas, arroz branco, água, sal e objetos pessoais do morto. Ao aroma de incensos são recitados alguns sutras. No dia seguinte a essa cerimônia o corpo é colocado num caixão e depois é cremado.

O luto - *Kichû* - na tradição é celebrado em torno de sete semanas. Para os japoneses o importante é cultivar os sentimentos de gratidão aos antepassados e familiares, aprendendo que a morte é inevitável e que todas as coisas são impermanentes. Assim, os rituais são importantes e se tornam validados à medida que ajudam a se tomar consciência destas coisas.

Na tentativa de ajudar o homem em seu confronto com a morte e conseqüentemente com a perda e a separação, surgiram manifestações culturais e religiosas, como celebrações, cultos, rezas, danças e cânticos. O funeral marca a separação dos vivos e dos mortos e é um rito de passagem assinalando uma das etapas fundamentais da morte, presente na vida humana. Transpor o limiar marcando o trânsito do indivíduo de um estado a outro, permite a experiência psicológica da morte-

renascimento. Existem ritos de incorporação ao mundo dos mortos e outros de reintrodução dos enlutados na vida cotidiana. Através do ritual fúnebre se revive a mitológica situação da morte. Há um sentido arquetípico nesta celebração que re-significa a morte, conferindo-lhe uma dimensão sagrada e lembrando o seu valor como parte da vida.

Voltando ao filme observa-se Daigo receoso e angustiado em contar à sua mulher Mika sobre seu novo trabalho. Qual será sua reação? Ela irá aceitar? O jovem sem seu instrumento musical vendido anteriormente e sem o contato com a música, redescobre seu pequeno violoncelo da infância em cujo interior encontra sua antiga pedra de criança, ofertada por seu pai. Ao mesmo tempo em que exerce seu novo trabalho, com reverência e habilidade, começa a nutrir os mais diversos sentimentos com relação ao seu pai: raiva, ressentimento, tristeza, desejo de saber seu paradeiro... Há um clima lúgubre e triste desta ausência paterna - morte em vida - acalentada por belíssimas canções de Bethoven, Gounod e Brahms, tocadas com saudades em seu pequeno violoncelo, com notas saídas de seu coração.

Um dia, após tantos anos é chamado para receber o corpo de seu pai que acabara de falecer numa colônia simples de pescadores. Confuso e acompanhado de sua mulher, que já reconhecia e valorizava seu trabalho, resolve cuidar do corpo do pai, preparando-o para o ritual de passagem. Ao final da cerimônia encontra nas mãos entrelaçadas do pai a pedra que lhe ofertou quando pequeno, no mesmo momento em que recebeu a sua - aquela que encontrou dentro do violoncelo - aos seis anos de idade.

A morte é o limite da vida tanto no sentido em que abrevia sua duração, como na sua presença latente que confere um significado.

Apenas aceitando a morte como uma possibilidade, o homem descobre a própria finitude e a condição da própria existência. O apego excessivo à vida e a negação da

morte provocam uma dissociação entre elas, impossibilitando a elaboração da vivência. Assim, o homem se torna solitário e desprotegido, distante dos movimentos arquetípicos que transformam.

Daigo, o violoncelista, descobre no contato com a morte, a essência e o significado da vida. Vida que termina na morte e morte que é o alvo para o qual converge a existência de uma vida inteira.

Denise Maia – psicóloga especializada em psicologia da arte, analista-didata do IJUSP (Associação Junguiana do Brasil), filiado a International Association for Analytical Psychology – IAAP

maid Denise@terra.com.br